

Seja um cidadão do mundo

A partir de agora, todos precisam se tornar cidadãos do mundo, caso contrário, tornar-se-ão sem utilidade. Contarei um episódio interessante a esse respeito. Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, um veterano veio me visitar e, indignado, disse-me: “Não entendo porque tivemos que nos render desta vez. Não consigo aceitar isso de forma alguma”. Eu não demonstrei nenhum interesse em suas palavras. Então, perplexo, ele me perguntou: “O senhor não é japonês?”. Ao que prontamente lhe respondi: “Não. Eu não sou japonês”. Surpreso e trêmulo, ele indagou: “Então, de que país é o senhor?”. A essa pergunta, dei uma resposta sem rodeios: “Em suma: sou um cidadão do mundo”. Ele ficou pasmo e desorientado e, depois, implorou-me que lhe explicasse para que pudesse entender exatamente o que eu havia dito. O que escreverei abaixo tem como base a explicação que dei a esse senhor na ocasião. [...]

Um poema famoso, em estilo tanka, de autoria do grande Imperador Meiji, diz o seguinte: “Quando consideramos todos os povos de além-mar nossos irmãos e irmãs, como poderiam o mar e os ventos se enfurecerem?”. É exatamente assim. Se todos pensassem dessa forma, a paz mundial seria estabelecida já amanhã. Se todos os seres humanos se tornassem pessoas de mente aberta assim, todas as nações do mundo seriam como uma família e não haveria motivo para guerras, não é mesmo? Ainda hoje, é comum ouvirmos: “Isso é política nacional!” ou, então, “Esse é o espírito do nosso país!”, “O nacionalismo precisa ser respeitado!” e “O nosso país é a terra dos deuses!”. Muitos se apegam às suas ideologias e formam grupos fechados, enquanto outros tratam como inimigos aqueles que não se enquadram em seus padrões. Essa forma autocentrada de pensar não só desvia o país do caminho certo como, também, obstrui a paz mundial. Portanto, digo que, no mínimo, hoje todos os japoneses deveriam se tornar cidadãos do mundo, visto que assinamos o Tratado de Paz de São Francisco. Os japoneses deveriam descartar a visão limitada, a forma shojo de pensar, e adotar uma visão ampla, a forma daijo de pensar. Nos próximos anos, essa maneira ampla de pensar será a mais avançada de todas e o mundo precisará de pessoas com esse tipo de visão. Aliás, o mesmo ocorre na religião. Hoje seria anacrônico diferenciar ou segregar uma religião das outras e preocupar-se com o grupo ou comunidade religiosa a que um indivíduo pertence. Não é minha intenção vangloriar-me disso, mas vejam a nossa religião. Nossa religião não se importa de forma alguma em ter contato com outras religiões e conhecê-las. Não temos uma maneira limitada, taca-nha, de pensar. Na realidade, temos prazer em conhecer outras religiões, porque nossa

religião prega a paz o objetiva trazer harmonia para a humanidade e transformar o mundo em uma única família. Consideramos todas as outras religiões como nossas companheiras e tentamos avançar junto a elas amigavelmente, de mãos dadas.

Jornal *Glória*, vol. 124, 3 de outubro de 1951

(trechos)